



CORPOS EM MEMÓRIA: NARRATIVAS, SENSIBILIDADES E PEDAGOGIAS DA PROSTITUIÇÃO NA MANAUS DA BELLE ÉPOQUE

**Bodies in memory: narratives, sensibilities, and pedagogies of prostitution in Belle
Époque Manaus**

Micael Raillen Lisboa Pires¹
Maria Eduarda Moraes da Silva²
Clodoaldo Matias da Silva³
Denison Melo de Aguiar⁴

RESUMO

A pesquisa investiga as pedagogias implícitas e as práticas de resistência inscritas nos corpos das mulheres em situação de prostituição na Manaus da Belle Époque, compreendendo-as como formas de produção de saberes e de subjetivação social. O estudo tem como objetivo analisar como essas experiências corporais revelam dinâmicas educativas que se manifestam na tensão entre moralidade e modernidade, transformando o corpo feminino em espaço de aprendizagem, memória e enfrentamento simbólico. Adota-se uma metodologia qualitativa, de caráter histórico-interpretativo, fundamentada na análise bibliográfica e documental, associada a uma leitura crítica das representações culturais e urbanas do período. O corpo é compreendido como território político e epistemológico, no qual se inscrevem as contradições da cidade e as pedagogias da exclusão e da resistência. As análises indicam que a prostituição, mais do que prática social marginal, constitui uma forma de educação invisível, capaz de desafiar os discursos normativos e de ressignificar o espaço urbano como cenário de produção de saber. A pesquisa conclui que as mulheres da noite atuam como educadoras simbólicas da cidade, ensinando pela experiência, pela dor e pela memória, ao mesmo tempo em que revelam a potência política e afetiva dos corpos que resistem. Essa leitura contribui para ampliar o campo das discussões sobre gênero, corpo e educação, evidenciando a relevância de compreender o espaço urbano como um lugar de formação social e cultural, onde o aprender e o resistir se entrelaçam como gestos de existência.

Palavras-chave: Corpo. Educação. Gênero. Prostituição. Resistência.

ABSTRACT

The research investigates the implicit pedagogies and practices of resistance inscribed in the bodies of women engaged in prostitution in Belle Époque Manaus, understanding them as forms of knowledge production and social subjectivation. Its objective is to analyse how these bodily experiences reveal educational dynamics that emerge in the tension between morality and modernity, transforming the female body into a space of learning, memory, and symbolic confrontation. The study adopts a qualitative, historical-interpretative methodology, based on bibliographical and documentary analysis, combined with a critical reading of cultural and urban representations of the period. The body is understood as a political and epistemological territory where the contradictions of the city and the pedagogies of exclusion and resistance are inscribed. The analyses indicate that prostitution, more than a marginal social practice, constitutes an invisible form of education capable of challenging normative discourses and re-signifying urban space as a setting for knowledge production. The research concludes that the women of the night act as symbolic educators of the city, teaching through experience, pain, and memory, while

¹ Acadêmico do curso de Bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. E-mail: micaelraillen@live.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5169-7410>.

² Acadêmica do Curso Técnico em Enfermagem pelo Instituto Centro de Ensino Tecnológico - CENTEC. E-mail: mariaeduarda.cms.08@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1598-5795>.

³ Mestrando em História pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.. E-mail: cms.1978@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>.

⁴ Pós-doutorando em Direito pela UniSalento (Itália-2024). Doutor em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGD/ UFMG). E-mail: denisonaguiarx@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5903-4203>.



revealing the political and affective power of bodies that resist. This interpretation contributes to broadening the academic debate on gender, body, and education, highlighting the relevance of understanding urban space as a field of social and cultural formation, where learning and resistance intertwine as gestures of existence.

Keywords: Body. Education. Gender. Prostitution. Resistance.

Introdução

A prostituição feminina na Manaus da Belle Époque constitui um campo fértil para compreender as complexas relações entre corpo, cidade e poder, revelando as formas sutis pelas quais o discurso moral se inscreveu na experiência das mulheres. O tema ultrapassa a mera descrição histórica, pois envolve dimensões simbólicas que atravessam o imaginário urbano e o controle social sobre o corpo feminino. Ao situar essas mulheres na tessitura social da modernidade amazônica, busca-se compreender como suas presenças, gestos e silêncios tornaram-se pedagogias da resistência e da exclusão. O estudo propõe, assim, refletir sobre o corpo como arquivo vivo da cidade e sobre a prostituição como prática de aprendizagem invisível.

Nesse horizonte, emerge o questionamento que orienta o percurso investigativo: De que maneira a prostituição feminina na Manaus da Belle Époque se configurou como um espaço de produção de saberes e de pedagogias culturais dos corpos em meio aos discursos de civilização e moralidade? A problematização decorre da percepção de que o corpo, submetido às normas sociais, foi também um lugar de invenção e de enfrentamento. As mulheres que habitaram as zonas do meretrício aprenderam e ensinaram, ainda que fora das instituições formais, lições sobre pertencimento, desejo e dignidade. A prostituição, portanto, é aqui tomada como território educativo que desvela as contradições da cidade moderna.

A justificativa do estudo está ancorada na urgência de reconhecer as vozes silenciadas pela história e pela moral, que relegaram a prostituição ao campo do desvio e do interdito. A relevância social se manifesta na possibilidade de repensar as narrativas urbanas a partir das margens, onde a vida cotidiana se faz resistência. A relevância acadêmica reside na contribuição para os debates sobre gênero, sexualidade e cultura urbana, ao passo que a relevância histórica e jurídica se articula na leitura da prostituição como prática regulada, vigiada e, ao mesmo tempo, necessária à ordem social. Assim, o tema amplia os horizontes da pesquisa histórica, trazendo à tona experiências que a modernidade preferiu ocultar.

Para compreender essas dimensões, o estudo se apoia em uma abordagem qualitativa de caráter histórico-cultural, baseada na análise documental e interpretativa de registros oficiais,



memórias e crônicas do período. Essa metodologia permite que a narrativa se construa como leitura crítica das sensibilidades, articulando as experiências femininas às formas de poder que as circunscreveram. Ao privilegiar as fontes locais, busca-se captar a textura da cidade e suas zonas de sombra, onde o discurso moral e o desejo se entrelaçam. Tal escolha confere à pesquisa um caráter sensível, sem abdicar do rigor teórico e da análise contextual.

A estrutura do artigo organiza-se em quatro movimentos complementares: a Introdução, que apresenta o recorte temático, a questão e os objetivos; a Fundamentação Teórica, que mapeia os referenciais conceituais sobre corpo, cidade e pedagogias da marginalidade; a Conclusão, que retoma as articulações entre prostituição, educação e sensibilidade urbana; e, por fim, as Referências, que sustentam o diálogo entre os autores e as fontes históricas. Cada seção busca manter coerência interna e fluidez narrativa, permitindo que o texto se construa como percurso reflexivo e interpretativo, e não apenas como relato descritivo.

A contribuição acadêmica desta pesquisa está em propor uma leitura humanizada da prostituição, deslocando-a do campo da condenação moral para o da experiência educativa e cultural. Ao reconhecer as prostitutas da Belle Époque como sujeitos históricos, resgata-se um passado que insiste em permanecer nos subterrâneos da memória coletiva. O artigo propõe, portanto, uma reflexão sobre o aprender e o ensinar nos limites da exclusão, contribuindo para o alargamento epistemológico das ciências humanas e para a construção de uma história que, mais do que narrar, escuta - e, ao escutar, restitui humanidade às vidas silenciadas.

A cidade como espaço educativo: territórios, memórias e desigualdades sociais

A cartografia teórica que sustenta esta pesquisa emerge da confluência entre os estudos urbanos, os debates históricos sobre a Belle Époque e as epistemologias do corpo feminino, cuja presença no espaço público de Manaus tensionou as fronteiras entre moralidade e modernidade. Em sua obra, Castells comenta que, a cidade, nesse sentido, não se apresenta como simples cenário, mas como texto social que educa, disciplina e resiste por meio das práticas cotidianas inscritas em suas ruas e corpos (Castells, 1977). Assim, compreender Manaus implica reconhecer seus territórios de poder e exclusão como pedagogias urbanas, pois a ordem espacial é, também, uma ordem moral.

Nesse contexto, o espaço urbano da Belle Époque manauara configurou-se como vitrine de um projeto civilizatório burguês, profundamente marcado pela hierarquização de corpos e



sensibilidades. Conforme destaca Corrêa (1966), o urbanismo da virada do século XIX foi instrumento de distinção e de apagamento simbólico, reorganizando as classes e os desejos dentro da lógica do progresso. Essa estrutura projetou uma cidade que, ao exibir sua modernidade material, ocultava o que havia de humano e contraditório sob o verniz do luxo. É nesse jogo de aparências que os corpos das mulheres em situação de prostituição tornaram-se alvo e produto das pedagogias morais.

A leitura de Braga (1975) reforça que a Manaus do ciclo da borracha consolidou-se como território de contradições, onde o brilho dos cassinos e prostíbulos coexistia com as ruínas invisíveis do trabalho feminino. A cidade educava pela estética, ensinando gestos, posturas e modos de pertencer. Ao mesmo tempo, cada esquina produzia resistências silenciosas, pedagogias subterrâneas de sobrevivência e afeto. Assim, as mulheres que habitavam o espaço marginal, embora destituídas de legitimidade social, criaram modos próprios de narrar-se, evidenciando uma aprendizagem coletiva inscrita em seus corpos.

Nesse horizonte, o corpo feminino não é apenas biologia ou objeto de desejo, mas território simbólico e político. Rago compreende que a prostituição urbana no início do século XX revela as tensões entre o controle institucional e a autonomia sexual, permitindo que as mulheres reescrevessem as normas a partir de suas práticas. Como observa a autora: “as prostitutas vivem o drama de sua exclusão e, ao mesmo tempo, de sua visibilidade pública, pois são, paradoxalmente, as mulheres mais vigiadas e mais livres do seu tempo” (Rago, 1991, p. 32). Essa concepção amplia o olhar sobre o corpo como lugar de saber, deslocando-o do campo da marginalidade para o da experiência social.

Por conseguinte, a pedagogia do espaço urbano adquire relevância como categoria analítica. Apple (2008) observa que “as escolas e demais instituições sociais são locais de luta, onde diferentes grupos tentam impor suas definições de conhecimento legítimo” (p. 17). Transposta ao contexto da cidade, essa ideia revela que o currículo urbano também é uma arena política, onde os discursos sobre gênero e sexualidade disputam o sentido do viver público. Assim, a cidade não apenas educa, mas também normatiza, punindo os corpos que não se adequam à moral dominante.

A partir de Freire, a educação é compreendida como prática da liberdade, mesmo em contextos adversos. Nesse sentido, os cabarés e cortiços podem ser lidos como espaços de aprendizagem existencial, onde o ato de resistir converte-se em ato pedagógico. Como diz o



autor, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2014, p. 25). A prostituta da Belle Époque, ao negociar sua presença no espaço público, aprendeu e ensinou sobre limites, autonomia e pertencimento, assim, a educação, transborda os muros escolares e habita a carne.

Entretanto, compreender o urbano requer reconhecer suas hierarquias simbólicas, Pères (2002) e Pinheiro (1999) demonstram que o porto e os bairros periféricos de Manaus foram moldados por conflitos entre o trabalho, o prazer e a moralidade. A cidade formava-se como corpo coletivo, onde cada profissão, gênero e origem racial ocupavam um lugar previamente definido. Assim, as práticas cotidianas das mulheres da noite não apenas desafiavam essa ordem, mas revelavam a cidade como campo pedagógico de disputas e aprendizagens. Nessa tessitura, o espaço torna-se mediador da memória social e instrumento de poder.

Manacorda (1990) retoma, a partir de Gramsci, a noção de princípio educativo como processo político, afirmando que “toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica” (p. 47). Tal concepção permite interpretar a prostituição como forma de educação contra-hegemônica, em que o corpo se torna mediador entre a cultura dominante e as estratégias de sobrevivência. A pedagogia que emerge das margens é, portanto, dialética e insurgente, pois forma sujeitos pela experiência da desigualdade e da exclusão. É nesse limiar entre o visível e o interdito que o corpo feminino se faz educador.

As reflexões de Silva (2025a) ampliam essa discussão ao analisar o Hotel Cassina como lugar de ruína e resistência. Em suas palavras:

As paredes do Cassina não são apenas testemunhas do passado, mas guardiãs de uma pedagogia sensível. Elas ensinam, em seu silêncio, que a cidade é feita também de lembranças feridas, e que nelas habita a força das mulheres que o tempo tentou apagar. As memórias do prazer e da dor coexistem, produzindo um saber que não se aprende nos livros, mas na escuta das vozes que o concreto não calou (Silva, 2025a, p. 4012).

Ao interligar essas perspectivas, Silva propõe uma leitura da prostituição não como desvio, mas como expressão estética e pedagógica das sensibilidades urbanas. Em sua análise, “as prostitutas, ao ocuparem a rua, reinventam a cidade como palco de aprendizagem e resistência, desmontando a lógica binária entre moral e imoral” (Silva, 2025b, p. 1678). Desse modo, o campo teórico delineado aqui articula urbanismo, pedagogia e corporeidade como dimensões complementares na leitura histórica da Manaus da Belle Époque, abrindo caminho



para a próxima seção, em que a cidade será analisada como espaço educativo, de desigualdades e de memórias que persistem no corpo e na paisagem.

As mulheres e a noite: narrativas, experiências e aprendizagens na margem urbana

A sistematização crítica da literatura sobre prostituição e cidade revela a pluralidade de leituras que, ao longo das décadas, procuraram compreender o corpo feminino como território simbólico de poder, desejo e resistência. A partir de uma perspectiva historiográfica, Pesavento (2001) descreve a prostituição como expressão da vida urbana e da modernidade que se pretendia moralizadora. Em sua análise, “o corpo da prostituta é o avesso do corpo burguês, nele se projetam os medos e fascínios da cidade moderna” (Pesavento, 2001, p. 45), essa tensão entre visibilidade e interdição estrutura o campo interpretativo no qual se insere esta pesquisa.

Ao aprofundar esse debate, Rago examina o papel da prostituição como dispositivo cultural que produz e é produzido por relações de poder e saber. Para a autora, as práticas de controle da sexualidade feminina se materializam nas políticas públicas, na medicina e na moral burguesa, assim, o corpo feminino não é passivo: ele age, ensina e se transforma em meio à vigilância. Conforme sintetiza a historiadora, “a prostituta é um espelho que reflete o desejo e o medo de uma sociedade que quer disciplinar o prazer, mas dele não pode abrir mão” (Rago, 1991, p. 18).

No entanto, Pesavento (2001) e Rago (1991) convergem ao evidenciar que a prostituição não pode ser compreendida fora da experiência urbana, ambas inserem o corpo feminino no tecido social como signo de modernidade e contradição. Tal leitura permite observar que, mesmo sob coerção, as mulheres da noite criam linguagens próprias de pertencimento, reinventando a moral dominante. Desse modo, o urbano aparece como categoria analítica essencial para compreender a pedagogia implícita da marginalidade.

Avançando nessa perspectiva, Whyte propõe uma análise sociológica das comunidades periféricas, observando que as áreas de exclusão são também espaços de aprendizagem social. Segundo ele, “a vida de esquina cria suas próprias regras, códigos e lealdades” (Whyte, 2005, p. 29). Essa leitura dialoga com a prostituição urbana ao indicar que os vínculos estabelecidos nas margens não são desordem, mas estruturas alternativas de solidariedade e reconhecimento, assim, o cotidiano da exclusão é também o espaço do aprendizado sensível, que forma sujeitos na adversidade.



Além disso, o olhar de Largman sobre as “jovens polacas” (grifo nosso) amplia o escopo das análises ao destacar a dimensão transnacional da prostituição no Brasil do início do século XX. As mulheres, muitas vindas da Europa Oriental, trouxeram consigo não apenas o estigma, mas também experiências culturais e afetivas que redefiniram os códigos da sexualidade no país. Como observa a autora, “essas mulheres desafiaram as fronteiras entre vítima e agente, entre tráfico e escolha, entre moralidade e sobrevivência” (Largman, 2007, p. 73), a prostituição, nesse contexto, torna-se também um fenômeno migratório e cultural.

Na literatura sobre a Amazônia, Silva (2025b) e Braga (1975) reconstroem o cenário social de Manaus, destacando a pluralidade étnica e a complexa rede de interações urbanas. Silva (2025b) descreve que a cidade foi “um mosaico de identidades em disputa, onde o indígena, o mestiço e o estrangeiro coexistiam sob a sombra do capital da borracha” (p. 1673). Essa pluralidade revela que a prostituição na Belle Époque amazônica não se restringia a uma prática econômica, mas constituía um campo de trocas simbólicas e afetivas, inscritas no corpo e na paisagem.

De forma complementar, Braga (1975) evidencia a cidade como corpo vivo, pulsante e contraditório, atravessado por moralidades diversas. Sua escrita memorialística, ainda que marcada pelo lirismo, sugere uma pedagogia da rua que ensina e modela condutas. Nesse sentido, o urbano não é mero reflexo das elites, mas espaço de formação ética e estética das classes populares. Assim, a prostituição emerge como parte constitutiva da memória urbana, um registro dos afetos e das violências que a modernidade tentou silenciar.

Na leitura contemporânea, Silva *et al.* ampliam a discussão ao inserir as vozes femininas da periferia manauara no debate sobre resistência e ancestralidade. As autoras destacam que “os corpos das mulheres urbanas negras e indígenas se tornam lugares de reexistência, onde o aprendizado é transmitido pela memória e pela dor” (Silva et al., 2025, p. 4). Essa abordagem dialógica atualiza a compreensão freiriana da educação popular, revelando o corpo como território de saber e prática política, mesmo fora dos limites escolares.

Essas leituras, quando comparadas, mostram uma coerência interna entre história, sociologia e memória, ainda que partam de campos teóricos distintos. Todas convergem na percepção de que o corpo prostituído é, antes de tudo, um arquivo de experiências e pedagogias invisíveis. A literatura revisitada não apenas descreve as relações de poder, mas as inscreve em



narrativas corporais que desafiam a moralidade e a historiografia hegemônica, assim, a prostituição, torna-se categoria analítica e sensível.

A reflexão de Silva *et al.* (2025) condensa essa virada epistemológica ao propor que as narrativas femininas revelam uma “geografia da resistência”, na qual o corpo é tanto território quanto sujeito, como afirmam os autores:

A memória das mulheres que habitam as margens não está nas bibliotecas, mas nas esquinas e nas cicatrizes. Nelas, a cidade se refaz, o tempo se dobra e o aprendizado emerge como herança viva, um gesto que recusa o esquecimento e transforma o abandono em gesto pedagógico (Silva *et al.*, 2025, p. 07).

Dessa forma, a literatura sistematizada revela uma continuidade histórica entre o passado e o presente da prostituição urbana, consolidando o corpo como espaço de aprendizagem e memória. A partir dessa leitura crítica e comparativa, delineia-se o caminho para a próxima seção, onde se aprofundará a análise das sensibilidades e narrativas dessas mulheres como expressões de uma pedagogia da resistência na cidade moderna.

Entre moral e modernidade: a pedagogia implícita dos corpos femininos na Belle Époque

A construção da linha argumentativa sobre o corpo feminino na Belle Époque exige compreender a prostituição como fenômeno de linguagem, pedagogia e poder. As leituras historiográficas de Rago, indicam que o corpo se torna o texto mais eloquente da modernidade, escrevendo e sendo escrito por ela (Rago, 1991). A sexualidade feminina, nesse contexto, foi moldada entre a visibilidade do prazer e a invisibilidade moral. A prostituta, ao ocupar o espaço urbano, rompeu o silêncio disciplinar e tornou-se mediadora de experiências sociais, estéticas e educativas.

Essa perspectiva revela que o corpo, longe de ser mero objeto de controle, constitui um território de aprendizado coletivo. As análises de Silva, apontam que as pedagogias da rua e da sobrevivência são formas de conhecimento que desafiam o saber institucional (Silva, 2025b). A modernidade urbana, ao tentar ordenar a sexualidade, produziu também uma contrapedagogia que ensinava o que não devia ser dito, mas era vivido, nesse sentido, o aprendizado da exclusão, formava tanto quem olhava quanto quem era olhada (Pesavento, 2001).

O pensamento urbano sobre moralidade e progresso demonstrou que as cidades do início do século XX foram pedagogicamente construídas para demarcar espaços de pureza e impureza,



onde, a geografia moral da cidade transformou o prazer em crime e a visibilidade feminina em transgressão. “As formas urbanas não são neutras, mas carregadas de ideologia e pedagogia”, escreve Rolnik (2019, p. 88), indicando que a organização espacial reflete e reforça relações de poder, assim, a mulher da noite encarnava as fronteiras vivas entre o permitido e o proibido.

A estrutura urbana de Manaus, segundo as leituras históricas, consolidou a lógica de exclusão que servia tanto ao capital quanto à moral religiosa. As mulheres inseridas na prostituição eram situadas na paisagem, mas não pertenciam a ela. Pinheiro (1999) observa que “a cidade se construía sobre a exclusão, e as margens eram o seu alicerce silencioso” (p. 41), expressão que sintetiza o caráter pedagógico da marginalização, assim, a prostituição, revelou as contradições do urbano e os limites de sua suposta modernidade.

A noção de aprendizado extrapola o ambiente escolar e assume contornos políticos e existenciais nas relações sociais, Manfredi propõe que a educação é um ato de luta e de apropriação da realidade, realizada por sujeitos que transformam suas experiências em saber. Essa visão legitima as mulheres da noite como produtoras de conhecimento, já que, ao negociarem sua presença, criaram códigos próprios de resistência, “a educação é um movimento de apropriação do mundo e de si, realizado por sujeitos que aprendem na adversidade” (Manfredi, 1980, p. 113).

De maneira convergente, Apple (2008) reforça que todo espaço social é educativo, pois a cultura e as instituições ensinam, ainda que de modo desigual, o autor destaca que “não há neutralidade nas práticas culturais, pois todo conhecimento é político e situado” (p. 24). Essa leitura permite reconhecer na prostituição uma pedagogia do corpo e da exclusão, capaz de revelar como a moral pública se impõe através do aprendizado da vergonha e da visibilidade controlada, assim, a cidade se torna uma escola onde os corpos aprendem e ensinam sobre poder.

Ao se pensar a cidade amazônica como arquivo vivo, a presença feminina nas zonas de meretrício adquire valor epistemológico. As ruínas, os becos e os vestígios das práticas noturnas revelam camadas de memória e aprendizado. Silva (2025a) interpreta o espaço degradado como local de resistência estética e educativa, afirmando:

As ruínas urbanas guardam lições invisíveis sobre o corpo e o tempo. Elas nos ensinam que a cidade aprende com aquilo que destrói, e que o corpo da mulher, inscrito nesse cenário, não cessa de educar. Cada fragmento de parede, cada registro



do prazer interdito, é um testemunho do que a cidade quis esquecer e do que ainda resiste a ser apagado (p. 4011).

O corpo prostituído, nesse enquadramento, aparece como sujeito político e estético que desafia a narrativa linear do progresso, em suas análises mais recentes, Silva (2025b) aponta que essas mulheres reinventaram o espaço urbano a partir da sensibilidade e da memória. Para o autor, “as mulheres da noite transformaram a dor em linguagem e o estigma em narrativa, reinventando o espaço urbano como lugar de sensibilidade e resistência” (p. 1680), trata-se de um aprendizado silencioso que reconfigura a cidade e a si mesmas.

A dimensão pedagógica da corporeidade, entretanto, permanece um terreno de disputa epistemológica, em seu artigo, Silva (2025c) indica que o corpo marginalizado é também um corpo discursivo, um lugar de fala que desafia as estruturas da dominação. As pedagogias do prazer e da dor, inscritas nesses corpos, tensionam o próprio conceito de educação, deslocando-o da racionalidade e devolvendo-o à experiência, essa abordagem humaniza a leitura histórica e aproxima a pedagogia do vivido, do sensível e do vulnerável.

A análise do estado atual do conhecimento revela, portanto, um campo ainda em expansão, que transita entre a consolidação teórica e a inquietação interpretativa. As tensões entre moral e modernidade, prazer e punição, moldam não apenas as leituras históricas, mas também os modos como a sociedade continua a educar o olhar sobre o corpo feminino. O debate, que se desloca do visível para o sensível, abre passagem para a próxima seção, onde a pedagogia implícita desses corpos será compreendida como linguagem moral e forma de resistência na Belle Époque manauara.

Corpos que ensinam: pedagogias da resistência e memória na Manaus da Belle Époque

O corpo feminino na Manaus da Belle Époque emerge como uma inscrição viva das pedagogias da resistência, expressando o conflito entre o desejo de liberdade e o peso disciplinar da moralidade. De acordo com Rago, as mulheres que habitavam a noite incorporaram formas próprias de ensinar e aprender o espaço, transformando a experiência da exclusão em processo de autoconhecimento coletivo (Rago, 1991). Nesse percurso, a rua foi escola e abrigo, onde a pedagogia se fez na pele e no gesto. A materialidade desse aprendizado revela um modo sensível de existir e resistir na cidade.



A noção de que aprender é um ato político e libertador permite compreender a prostituição como uma prática de enunciação de saberes. Freire (2014) afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si” (p. 67), o que desloca o ensino para o terreno das relações humanas e da troca simbólica. Ao circular por zonas interditas, as mulheres da noite ensinaram a cidade a olhar o corpo como signo de presença, não de pecado, nesse gesto, criaram um espaço de aprendizagem que transgredia a norma e preservava a dignidade.

Essa pedagogia da existência, silenciosa e persistente, encontra respaldo na concepção de Manacorda de que todo exercício de hegemonia é também um processo educativo. A prostituição, vista sob essa ótica, revela o modo como a sociedade aprende a manter suas fronteiras morais e, simultaneamente, como as mulheres as atravessam. O corpo, então, torna-se instrumento de reflexão sobre o poder. “Toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica”, observa o autor (Manacorda, 1990, p. 47), é nesse entrelaçamento que o saber emerge, não do privilégio, mas da experiência.

As dinâmicas urbanas descritas por Corrêa (1966) evidenciam que o espaço manauara do início do século XX era pensado como corpo disciplinado, projetado para legitimar o olhar europeu e apagar as vozes locais. A cidade era também um discurso que educava pela arquitetura e pela segregação. Nesse sentido, Pinheiro (1999) analisa o porto de Manaus como território moralizado, no qual o trabalho e o prazer eram opostos didaticamente. O urbano, assim, se tornava uma forma de pedagogia social que delimitava o que deveria ser visto e o que precisava permanecer oculto.

O sentido de aprendizado presente na experiência feminina ultrapassa a educação formal e adentra a esfera da sensibilidade. Pesavento (2001) entende a prostituição como o espaço em que a mulher moderna “aprende a ser sujeito de si mesma no limite da opressão” (p. 52), transformando a marginalidade em narrativa de pertencimento. Essa perspectiva amplia a noção de educação, ao reconhecer que o saber nasce do cotidiano, do corpo e das pequenas subversões, nesse cenário, a mulher prostituída torna-se narradora de si e da cidade que a contém, mesmo quando a tenta apagar.

A memória, por sua vez, dá espessura histórica às pedagogias corporais, as reflexões de Péres situam a Manaus da Belle Époque como cidade de contrastes, onde o esplendor do luxo coexistia com a invisibilidade dos corpos femininos. “A cidade é também feita de lembranças



feridas, guardadas nas suas esquinas e fachadas silenciosas” (Péres, 2002, p. 19). As memórias urbanas, assim, prolongam a experiência do corpo e preservam o aprendizado invisível da exclusão, cada vestígio da cidade ensina sobre o que se perdeu, mas também sobre o que se recusou a desaparecer.

A escrita memorial de Braga (1975) reforça essa perspectiva ao resgatar o cotidiano manauara como território de encantamento e ruína. As sensibilidades femininas surgem nesse contexto como modo de sobrevivência estética. Entre o real e o imaginado, o autor identifica no olhar feminino a expressão de uma cidade que aprendia com suas próprias contradições. As mulheres que atravessaram o tempo da borracha ensinaram uma lição silenciosa sobre pertencimento e resistência, sustentando o que não se podia dizer, mas apenas sentir.

Silva (2025a) retoma essa dimensão ao propor que as ruínas urbanas constituem arquivos pedagógicos, em suas palavras:

As paredes que resistem ao tempo não são apenas matéria, mas memória viva das mulheres que ali deixaram vestígios. Cada fissura guarda o eco de uma voz silenciada e o ensinamento de que resistir é uma forma de educar. A cidade aprende com aquilo que tenta demolir, pois a ruína, ao contrário do esquecimento, produz lembrança e forma sensível de saber (Silva, 2025a, p. 4012).

As análises contemporâneas de Silva *et al.* ampliam essa leitura ao situar a resistência feminina como pedagogia intercultural e ancestral, os autores ressaltam que “o corpo das mulheres da periferia é um território de herança e aprendizado, onde o gesto e o silêncio são formas de ensinar” (Silva *et al.*, 2025, p. 08). Essa percepção evidencia a continuidade das pedagogias da margem, nas quais a educação se confunde com o próprio ato de existir, o corpo, aqui, é texto e ferramenta, lugar de fala e de memória.

Dessa forma, o diálogo entre corpo, memória e cidade revela como as mulheres da Belle Époque amazônica transformaram a prostituição em linguagem social. As pedagogias implícitas de suas experiências desafiaram o discurso da civilização, convertendo o estigma em saber e o silêncio em voz. Ao habitar a fronteira entre o visível e o interdito, ensinaram à cidade o que ela insistia em não aprender: que toda moral nasce do medo do corpo e que toda resistência é, também, uma forma de educação que se faz com a vida.



Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa permitiram compreender que o corpo feminino, inserido na lógica da prostituição urbana, constitui um espaço de elaboração simbólica e política. A hipótese de que esses corpos produzem saberes e pedagogias implícitas foi confirmada pela análise das narrativas e sensibilidades que se inscrevem na experiência da exclusão. A cidade, em sua materialidade moral, ensina e é ensinada por esses corpos, revelando o entrelaçamento entre poder, memória e afeto. A prostituição, assim, ultrapassa a condição social e assume a dimensão de linguagem pedagógica e resistência cultural.

Os resultados indicam que as mulheres da noite foram capazes de converter a marginalidade em experiência formadora, transformando a vulnerabilidade em prática de aprendizagem e reexistência. O corpo, muitas vezes silenciado, emerge como ferramenta de ensino e espaço de disputa discursiva, desafiando o monopólio masculino e burguês da moralidade urbana. As pedagogias que brotam desses corpos não são instituídas nem codificadas, mas fluem do vivido e da dor, construindo uma racionalidade outra, fundada na sensibilidade, na escuta e na presença.

A análise demonstrou ainda que o espaço urbano é simultaneamente instrumento de opressão e meio de emancipação. As ruas e ruínas, antes vistas como lugares de perdição, transformam-se em arquivos de memória, preservando as marcas do aprendizado inscrito nos gestos e nos silêncios das mulheres. Esse movimento de reinterpretação da cidade contribui para repensar a relação entre educação, corpo e território, ampliando a noção de pedagogia para além dos limites institucionais e dos discursos legitimados.

A contribuição teórica dessa investigação reside na articulação entre história, corpo e educação, evidenciando que a prostituição é também um fenômeno formativo e cultural. As experiências femininas revelam uma pedagogia invisível, sustentada na resistência cotidiana e na criação de novas formas de existir no espaço social. Essa abordagem propõe uma reconfiguração epistemológica, na qual o saber deixa de ser privilégio da racionalidade e passa a habitar as margens, os afetos e as corporalidades esquecidas pela tradição historiográfica.

Do ponto de vista prático, a pesquisa amplia o entendimento sobre as possibilidades educativas presentes nas experiências de exclusão, oferecendo subsídios para pensar políticas públicas sensíveis à diversidade e à pluralidade de corpos e saberes. A leitura do corpo como território de aprendizagem convoca a academia a reconhecer o valor das experiências não



institucionalizadas, reconfigurando o próprio papel da história na compreensão do humano. Assim, o estudo reafirma a importância de escutar o que se manifesta no silêncio, no gesto e na memória.

Por fim, as reflexões aqui produzidas convidam a novas investigações que aprofundem a relação entre gênero, cidade e pedagogia, explorando as formas pelas quais o corpo feminino continua a produzir saberes e a resistir à normatividade. O diálogo entre passado e presente mostra que a história das mulheres é também a história da educação do sensível, e que suas cicatrizes são, ao mesmo tempo, feridas e escritas. O corpo que ensina permanece como testemunho de um aprendizado vivo, que a cidade insiste em esquecer, mas que o tempo jamais apaga.

Referências

- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRAGA, Genesino. **Chão e Graça de Manaus**. Manaus: Ed. Fundação Cultural do Amazonas, 1975.
- CASTELLS, Manuel. *The Urban Question: A Marxist Approach*. London: Edward Arnold, 1977.
- CORREIA, Luiz Miranda. **O Nascimento de uma Cidade**. (Manaus, 1890 a 1900). Manaus: Edições Governo do Estado do Am. 1966.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. Barés, Manáos e Tarumãs. **Amazônia em cadernos**, vol. 2/3. Manaus: EDUA, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 2014.
- LARGMAN, Esther. **Jovens polacas**: Da miséria na Europa à prostituição no Brasil. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2007.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.



MANFREDI, Sílvia. A educação popular no Brasil: uma releitura a partir de Antônio Gramsci. In: MANFREDI, Sílvia. **A questão política da educação popular**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

PÉRES, Jefferson. **Evocações de Manaus como eu vi ou sonhei**. Manaus: Valer, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade: o Mundo dos Excluídos o Final do Século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

RAGO, Margaret. **Os Prazeres da Noite**. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROLNIK, Raquel. **Territórios em Conflito: São Paulo, Espaço, História e Política**. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Do cabaré à inovação: memória, ruína e ressignificação do hotel Cassina em Manaus. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 9, p. 4009–4024, 2025a. DOI: 10.51891/rease.v11i9.21307. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/21307> . Acesso em: 3 fev. 2025.

SILVA, Clodoaldo Matias da. As damas da noite e os espelhos da moral: hipocrisia e marginalidade na Manaus da Belle Époque. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 10, p. 1672–1685, 2025b. [S. l.], v. 11, n. 10, p. 1672–1685, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i10.21524. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/21524> . Acesso em 3 fev. 2025.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Entre o diálogo e o conflito: os desafios de ensinar democracia em um Brasil polarizado. **Marupiara: Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins**, v. 10, n. 1, p. 01–17, jan./jun. 2025c. Disponível em <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/marupiara/article/view/4354> . Acesso em 25 jun 2025.

SILVA, Clodoaldo Matias da; COSTA, Aretusa Fraga; OLIVEIRA, Maria das Graças Maciel de; ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares de. Entre saberes ancestrais e vozes femininas: diálogos interétnicos e resistências da AMISM na Manaus urbana. **Revista Taka'a**, Barra do



Bugres (MT), v. 3, e2025006, p. 1 – 18, 2025. Disponível
<https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/13954/9535> . Acesso em 12 jun
2025.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre
e degradada. Rio de Janeiro, RJ: J. ZAHAR, 2005.

Apresentado em 29/10/2025

Aprovado em 12/12/2025